

Ideologia, comunicação e desinformação na contemporaneidade: uma análise crítica a partir do pensamento de Marx e Engels¹

Aline Cândido de Melo²
Viviane Giusti Balestrin³
Ana Valéria Machado Mendonça⁴
Universidade de Brasília - UnB

Resumo

O artigo analisa como o conceito marxista de ideologia explica a disseminação da desinformação na era digital, especialmente nas redes sociais. Fundamentado em revisão bibliográfica e análise crítica, utiliza o materialismo dialético para compreender a desinformação como mecanismo de dominação simbólica que mascara contradições sociais e legítimos interesses da classe dominante. Os resultados indicam que, nas plataformas digitais, a desinformação opera de modo sofisticado, reforçando narrativas e dificultando o pensamento crítico. O estudo destaca a desinformação como fenômeno político e social, bem como, a necessidade de práticas comunicacionais, alfabetização midiática e educacional emancipadoras para enfrentar a crise informacional contemporânea.

Palavras-chave: ideologia marxista; desinformação; comunicação; dominação simbólica; redes sociais.

Introdução: comunicação na contemporaneidade

A comunicação na contemporaneidade assume um papel central nas dinâmicas sociais, políticas e culturais, configurando-se como um dos principais vetores de transformação e disputa simbólica nas sociedades atuais. A revolução digital, caracterizada pela disseminação massiva de tecnologias da informação e comunicação, especialmente as redes sociais, promoveu uma mudança radical nos paradigmas da circulação informacional, alterando profundamente a forma como os indivíduos acessam,

¹ Trabalho apresentado no GP Temático Comunicação e Movimentos Sociais – GP 03 Comunicação e Desinformação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília. Graduada em Educação Física pela Universidade de Taubaté e em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília. E-mail: alinefisico@gmail.com

³ Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília. Graduada em Psicologia e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Gestora em Políticas Públicas e Gestão Educacional - Psicóloga SEEDF. E-mail: vivianealestrin@gmail.com

⁴ Professora do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Brasília. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1879-5433>; E-mail: valeriamendonca@unb.br

produzem e compartilham conteúdos (Mattos, 2013). Diferentemente dos modelos tradicionais de comunicação de massa, que operavam em uma lógica unidirecional de um-para-todos, o ambiente digital inaugura uma configuração todos-para-todos, na qual qualquer indivíduo pode ser simultaneamente emissor e receptor de informações (Mattos, 2013).

Essa transformação estrutural intensificou a velocidade, o volume e a variedade de informações disponíveis, criando um fluxo acelerado e contínuo que, embora potencialize a democratização do acesso à informação, também propicia um terreno fértil para a proliferação da desinformação (Patrício, 2022). A circulação massiva e imediata de conteúdos, muitas vezes sem a devida verificação ou contextualização, favorece a disseminação de informações falsas ou distorcidas, fenômeno que não é novo, mas que ganhou novas dimensões e complexidades com o advento das tecnologias digitais (Recuero; Soares, 2021).

As redes sociais, em especial, desempenham papel ambíguo nesse cenário. Por um lado, ampliam o acesso à informação e promovem a participação cidadã; por outro, funcionam como ambientes propícios à circulação rápida de *fake news*, bolhas de filtro e polarização, fenômenos que comprometem a qualidade do debate público e a formação de uma opinião crítica (Patrício, 2022). O controle algorítmico dessas plataformas, orientado por interesses comerciais e lógicas de engajamento, reforça a circulação de conteúdos sensacionalistas e desinformativos, dificultando a distinção entre fatos e narrativas manipuladas (Lüdtke, 2022).

Dessa forma, o contexto contemporâneo da comunicação é marcado por desafios inéditos, que exigem uma reflexão crítica a respeito dos processos de produção, distribuição e consumo da informação. A revolução digital, ao modificar as bases técnicas e sociais da comunicação, impõe a necessidade de repensar as práticas jornalísticas, as políticas públicas e as estratégias educacionais voltadas para a alfabetização midiática e o combate à desinformação (Mattos, 2013; Patrício, 2022). Assim, compreender a comunicação na contemporaneidade implica reconhecer sua centralidade na configuração das relações sociais e políticas, bem como os riscos e potencialidades que emergem desse novo ecossistema informacional.

O presente artigo tem como tema a relação entre a ideologia marxista e a disseminação da desinformação na contemporaneidade, com ênfase no papel das mídias digitais e das plataformas de comunicação. O problema de pesquisa consiste em

compreender como o conceito de ideologia, elaborado por Marx e Engels, pode explicar a gênese e a circulação da desinformação em contextos marcados por disputas simbólicas e interesses de classe, especialmente diante dos desafios impostos pela dinâmica informacional das redes sociais digitais. Para tanto, adota-se uma metodologia teórico-conceitual e de análise crítica, fundamentada em revisão bibliográfica recente e na articulação entre teoria marxista e estudos contemporâneos acerca da desinformação, visando desvelar os mecanismos de dominação simbólica presentes na sociedade atual.

Como o conceito de ideologia marxista pode explicar a disseminação da desinformação hoje?

A compreensão do pensamento marxista exige a assimilação de dois pressupostos filosóficos fundamentais: o materialismo e a dialética. Ambos constituem a espinha dorsal da análise de Marx e Engels no tocante à sociedade capitalista, e são apresentados de maneira clara em *A Ideologia Alemã* (2007, p. 86-87). No materialismo, encontra-se a ideia central de que o ser humano só pode ser compreendido a partir das condições materiais que tornam sua vida possível. Antes de qualquer construção simbólica ou cultural, o indivíduo precisa respirar, se alimentar e sobreviver. Ou seja, é a realidade concreta que molda a existência humana, e não o contrário. A partir dessa base, entende-se que o que o ser humano “é” está diretamente condicionado pelas formas materiais e sociais que sustentam sua existência.

Entretanto, compreender o ser humano como produto das condições materiais não significa fixá-lo em uma estrutura rígida. É nesse ponto que entra a dialética, a segunda base teórica essencial do marxismo. A dialética introduz a noção de transformação constante: o ser humano está sempre em processo, em “devir”, moldado pelas contradições que emergem das próprias condições em que vive. As transformações sociais e históricas não ocorrem de forma linear ou espontânea, mas são resultado direto das tensões entre as forças produtivas (como o trabalho, a técnica e os meios de produção) e as relações de produção (as formas pelas quais a produção está organizada socialmente). A sociedade, portanto, não é um sistema estático, mas um organismo vivo em constante conflito e mudança.

Essa visão conduz a uma compreensão mais profunda da centralidade da economia na vida social. A economia não é apenas uma parte da realidade: ela media e

estrutura todas as outras dimensões, como a cultura, a religião e o direito. O ser humano, nesse sentido, é inseparável de seu contexto material e histórico, e esse contexto está sempre em movimento. Marx e Engels ilustram isso com precisão ao afirmarem que a produção da vida ocorre em uma relação dupla: natural e social. A citação de A Ideologia Alemã reforça essa tese:

“A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, quanto da alheia, na procriação, aparece desde já como uma relação dupla: de um lado, como relação natural; de outro, como relação social; social no sentido de que por ela se entende a cooperação de vários indivíduos, sejam quais forem as condições, o modo e a finalidade.”
(Marx; Engels, 2007, p. 34)

Essa relação entre produção e cooperação demonstra que cada modo de produção está ligado a um modo de organização social. A forma como os seres humanos associam-se para transformar a natureza constitui, também, uma força produtiva, pois determina como vivem, interagem e se reproduzem socialmente. A análise marxista, ao integrar materialismo e dialética, revela uma teoria totalizante da sociedade, na qual as mudanças históricas são impulsionadas pelas contradições internas de seu próprio funcionamento.

É a partir desse alicerce teórico que Marx e Engels constroem categorias fundamentais como a ideologia. Este conceito, frequentemente mal interpretado em seu uso cotidiano, possui um sentido muito mais profundo na tradição marxista. Hoje, tende-se a compreender ideologia como uma orientação política ou um conjunto de ideias, como aparece, por exemplo, na música Ideologia, de Cazusa: *"Ideologia! Eu quero uma pra viver..."*, escrita na fase em que o Brasil vivia a transição da ditadura para a democracia. No entanto, essa é uma definição superficial e distante da crítica desenvolvida por Marx e Engels.

Para eles, a ideologia atua como uma lente distorcida da realidade, não necessariamente através de mentiras explícitas, mas por meio de uma inversão da origem real dos processos sociais. Como afirmam os autores: “As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (Marx; Engels, 2007, p. 47). Ou seja, as ideias que se tornam “naturais” ou “universais” são, na verdade, expressões dos interesses de uma classe específica. A ideologia, portanto, atua como uma forma de dominação simbólica, ocultando os conflitos e as contradições que estruturam a

sociedade. Esse processo, longe de ser neutro, é profundamente político e contribui para a manutenção da ordem social vigente.

Essa análise se conecta diretamente à discussão contemporânea a respeito da desinformação. Derakhshan e Wardle (2017) apontam que a desinformação é uma das três formas de “desordens informativas”, distinguindo-se pela sua intencionalidade: trata-se da criação deliberada de informações falsas com o propósito de enganar e causar danos. Como ressaltam Recuero e Soares (2021), não se trata de erros inocentes, piadas e sarcasmo, mas de um mecanismo de manipulação consciente.

Nesse contexto, a ideologia, segundo Marx, pode ser vista como uma forma histórica e sofisticada de desinformação: ela cria uma falsa consciência social, levando os indivíduos a interpretarem a realidade com base em premissas equivocadas, que reforçam a dominação. A ligação entre ideologia e desinformação, portanto, não é apenas possível, mas urgente de ser explorada, sobretudo em tempos de crise da informação e ascensão de discursos que distorcem a realidade de forma calculada e sistemática.

O conceito de ideologia marxista oferece uma chave fundamental para explicar a disseminação da desinformação na contemporaneidade, especialmente ao considerar a relação entre produção material, interesses de classe e dominação simbólica. Segundo Marx e Engels, a ideologia não se limita a um conjunto de ideias abstratas, mas constitui um mecanismo pelo qual a classe dominante impõe sua visão de mundo, tornando seus interesses particulares aparentes como universais e naturais (Marx; Engels, 2007). Esse processo ocorre por meio de uma “lente distorcida” que mascara as contradições sociais e legitima a ordem vigente, fazendo com que as ideias dominantes de cada época sejam, de fato, as ideias da classe dominante (Marx; Engels, 2007).

Na sociedade contemporânea, a desinformação, entendida como a produção deliberada de informações falsas com o objetivo de enganar e causar danos (Wardle; Derakhshan, 2017), pode ser interpretada como uma manifestação moderna desse processo ideológico. Assim como a ideologia, a desinformação atua para criar uma falsa consciência social, levando indivíduos e grupos a interpretarem a realidade de modo equivocado, frequentemente em benefício de interesses dominantes (Recuero; Soares, 2021). A disseminação da desinformação, especialmente em ambientes digitais, está frequentemente articulada com estratégias de defesa dos interesses capitalistas e da classe dominante, utilizando-se de campanhas e narrativas que reforçam consensos ideológicos e dificultam a percepção crítica da realidade (Recuero; Soares, 2021).

Vale ressaltar, durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, campanhas de desinformação foram utilizadas para defender interesses econômicos em detrimento da saúde pública, evidenciando a conexão entre desinformação, lucro e dominação ideológica (Recuero; Soares, 2021). Plataformas digitais e veículos de comunicação, enquanto aparelhos ideológicos, potencializam essa circulação de narrativas distorcidas, reforçando a alienação social e a naturalização de desigualdades (Wardle; Derakhshan, 2017).

Portanto, a partir do conceito marxista de ideologia, a desinformação pode ser compreendida como uma forma sofisticada de dominação simbólica, que atua para manter a hegemonia de determinados grupos sociais, mascarando conflitos, naturalizando desigualdades e condicionando a consciência coletiva a aceitar interesses que, muitas vezes, lhes são contrários (Marx; Engels, 2007; Recuero; Soares, 2021; Wardle; Derakhshan, 2017). Esse processo ideológico se manifesta não apenas na produção de notícias falsas, mas também na construção de discursos que naturalizam desigualdades, deslegitimam movimentos sociais e minam a capacidade crítica da população (Oliveira; Pereira, 2022).

Conceito de “desordens informativas” e suas implicações na sociedade

O conceito de “desordens informativas” (*information disorder*) foi proposto por Wardle e Derakhshan (2017) para descrever o cenário contemporâneo de circulação de informações, especialmente em ambientes digitais, e suas consequências para a sociedade. Segundo os autores, as desordens informativas englobam três fenômenos distintos: desinformação, má-informação e informação errada. A desinformação, em particular, refere-se à criação deliberada de informações falsas, com o objetivo explícito de enganar e causar danos, diferenciando-se, portanto, de erros não intencionais ou de informações incorretas disseminadas sem dolo (Wardle; Derakhshan, 2017).

Essa distinção é fundamental para a compreensão dos desafios atuais da comunicação. Em ambientes digitais, a velocidade e o alcance da circulação de notícias falsas são potencializados por algoritmos de recomendação e pelas dinâmicas de viralização das redes sociais, o que amplia o impacto dessas informações em torno de decisões políticas, sociais e econômicas (Recuero; Soares, 2021). A desinformação, ao ser intencionalmente produzida e disseminada, busca manipular percepções e

comportamentos coletivos, muitas vezes para atender a interesses específicos de grupos políticos e/ou econômicos, criando um ambiente de incerteza e desconfiança generalizada (Silva; Souza, 2023).

Além disso, as desordens informativas têm implicações profundas para a democracia e a coesão social. A proliferação de desinformação pode enfraquecer o debate público, polarizar opiniões e deslegitimar instituições, dificultando a construção de consensos sociais e a tomada de decisões baseadas em evidências (Oliveira; Pereira, 2022). O cenário de desordem informativa exige, portanto, não apenas estratégias de checagem e verificação de fatos, mas também políticas públicas e práticas educacionais voltadas para o fortalecimento da alfabetização midiática e do pensamento crítico, capazes de mitigar os efeitos deletérios da desinformação na sociedade contemporânea (Wardle; Derakhshan, 2017; Recuero; Soares, 2021).

Dessa forma, compreender o conceito de desordens informativas e suas implicações é essencial para o enfrentamento dos desafios impostos pela circulação massiva e acelerada de informações nas sociedades digitais, bem como para a promoção de uma esfera pública mais saudável e democrática.

O papel das mídias digitais e das plataformas na reprodução da desinformação

A comunicação na contemporaneidade, marcada pela presença constante das redes digitais, potencializa a circulação de informações em uma escala sem precedentes, mas também intensifica a propagação da desinformação. Essa última, conforme definido por Wardle e Derakhshan (2017), é uma forma intencional de manipulação que visa enganar e causar danos, distinguindo-se de erros ou mal-entendidos inocentes. A partir da perspectiva marxista, essa desinformação pode ser compreendida como uma manifestação moderna da ideologia, que atua para ocultar as contradições sociais e manter a hegemonia dos grupos dominantes. As plataformas digitais, longe de serem espaços neutros, reproduzem e amplificam essas dinâmicas, operando dentro de estruturas econômicas e políticas que refletem interesses específicos. Sendo assim, a comunicação crítica emerge como uma prática essencial para desconstruir narrativas falsas, promover a alfabetização midiática e fortalecer processos de emancipação social, alinhando-se à proposta transformadora de Marx e Engels.

As mídias digitais e as plataformas de redes sociais desempenham um papel central na reprodução e amplificação da desinformação na contemporaneidade. O funcionamento dos algoritmos dessas plataformas, orientados por lógicas de engajamento e maximização de permanência dos usuários, favorece a circulação de conteúdos sensacionalistas e polarizadores, que tendem a gerar mais interações e, conseqüentemente, maior visibilidade (Silva; Souza, 2023). Esse mecanismo cria o fenômeno conhecido como “bolhas de filtro”, em que os indivíduos são expostos predominantemente a informações e opiniões alinhadas às suas próprias crenças, reforçando a polarização e dificultando o acesso a perspectivas divergentes (Recuero; Soares, 2021).

Do ponto de vista da crítica marxista, essas tecnologias de comunicação não são neutras. Elas operam dentro de contextos sociais e econômicos marcados por interesses dominantes, reproduzindo e aprofundando desigualdades estruturais. As plataformas digitais funcionam como aparelhos ideológicos, nos termos de Marx e Engels, ao selecionar, priorizar e distribuir informações de acordo com critérios que frequentemente favorecem grupos hegemônicos e interesses econômicos específicos (Marx; Engels, 2007). Assim, o controle algorítmico e a lógica do capital informacional contribuem para a manutenção da ordem vigente, mascarando conflitos sociais e naturalizando desigualdades (Silva; Souza, 2023). Outrossim, a dinâmica das mídias digitais na contemporaneidade evidencia a importância de uma abordagem crítica, fundamentada na teoria marxista, para compreender como a desinformação é produzida, disseminada e instrumentalizada como mecanismo de dominação simbólica e manutenção de interesses hegemônicos.

Proposta da comunicação crítica como ferramenta de resistência

A partir da metodologia crítica desenvolvida por Marx e Engels, a comunicação deve ser compreendida como um campo de disputa central para a emancipação social. Para esses autores, a crítica não se limita à análise teórica, mas implica uma ação prática transformadora, capaz de desvelar e refletir acerca dos mecanismos simbólicos de dominação que sustentam a ordem vigente (Marx; Engels, 2007). Nesse sentido, a comunicação crítica emerge como ferramenta fundamental de resistência, pois permite a

desmistificação das narrativas ideológicas e desinformativas que naturalizam desigualdades e mascaram conflitos sociais (Recuero; Soares, 2021).

No contexto contemporâneo, marcado pela intensificação das desordens informativas e pela centralidade das mídias digitais, torna-se urgente o desenvolvimento de práticas comunicativas que promovam a alfabetização midiática e o pensamento crítico. A alfabetização midiática, entendida como a capacidade de analisar, avaliar e produzir conteúdos informacionais de forma ética e reflexiva, é essencial para que os sujeitos possam identificar estratégias de manipulação e resistir à circulação de conteúdos desinformativos (Silva; Souza, 2023). Além disso, o incentivo ao pensamento crítico contribui para a formação de uma consciência social capaz de questionar as estruturas de poder e os interesses que orientam a produção e disseminação da informação (Oliveira; Pereira, 2022).

A comunicação crítica, portanto, não se restringe à denúncia das distorções ideológicas, mas propõe a construção de espaços de diálogo e participação democrática, nos quais o conhecimento e a informação sejam instrumentos de emancipação coletiva. Isso implica valorizar iniciativas de checagem de fatos, educação para a mídia e fortalecimento do jornalismo independente, bem como estimular o engajamento ativo dos cidadãos na produção e circulação de informações (Recuero; Soares, 2021). Dessa forma, a comunicação crítica se consolida como estratégia de resistência frente à hegemonia dos discursos dominantes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática.

Considerações

As considerações gerais deste artigo evidenciam que a análise da desinformação, à luz do conceito marxista de ideologia, revela dimensões profundas da dominação simbólica na sociedade contemporânea. A partir da dialética materialista, compreende-se que as formas de produção e circulação da informação não são neutras, mas estão intrinsecamente vinculadas às relações de poder e aos interesses de classe que estruturam a vida social (Marx; Engels, 2007). Nesse sentido, a desinformação emerge como uma expressão moderna das distorções ideológicas, atuando para mascarar conflitos, naturalizar desigualdades e consolidar a hegemonia de grupos dominantes (Recuero; Soares, 2021). O papel das mídias digitais e dos algoritmos na amplificação dessas

narrativas reforça a necessidade de práticas comunicativas críticas e emancipadoras, capazes de promover a alfabetização midiática, o pensamento crítico e a resistência às estratégias de manipulação informacional (Wardle; Derakhshan, 2017). Assim, a articulação entre teoria marxista e estudos contemporâneos a respeito da comunicação e desinformação contribuem para o desvelamento dos mecanismos de dominação simbólica e apontam caminhos para a construção de uma esfera pública mais democrática e plural.

Referências

LÜDTKE, M. **Desertos de notícia no Brasil: uma análise dos municípios sem jornalismo local**. Revista Brasileira de Comunicação, v. 18, n. 2, p. 45-60, 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATTOS, S. **A revolução digital e os desafios da comunicação**. Revista Comunicação & Sociedade, v. 24, p. 7-15, 2013.

OLIVEIRA, Ana; PEREIRA, Carlos. **Desinformação e ideologia: implicações para a democracia contemporânea**. Revista de Estudos Sociais, v. 15, n. 2, p. 110-128, 2022.

PATRÍCIO, R. **A circulação da informação nas plataformas digitais: desafios para o jornalismo contemporâneo**. Revista Intercom, v. 46, n. 1, p. 210-220, 2022.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe. **O discurso desinformativo sobre a cura do covid-19 no Twitter: estudo de caso**. E-Compós, v. 24, 2021. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2127>. Acesso em: 22 abr. 2025.

SILVA, João; SOUZA, Maria. **Algoritmos, desinformação e poder: uma análise crítica da circulação informacional nas redes sociais**. Revista Brasileira de Comunicação, v. 19, n. 1, p. 45-62, 2023.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>. Acesso em: 22 abr. 2025.